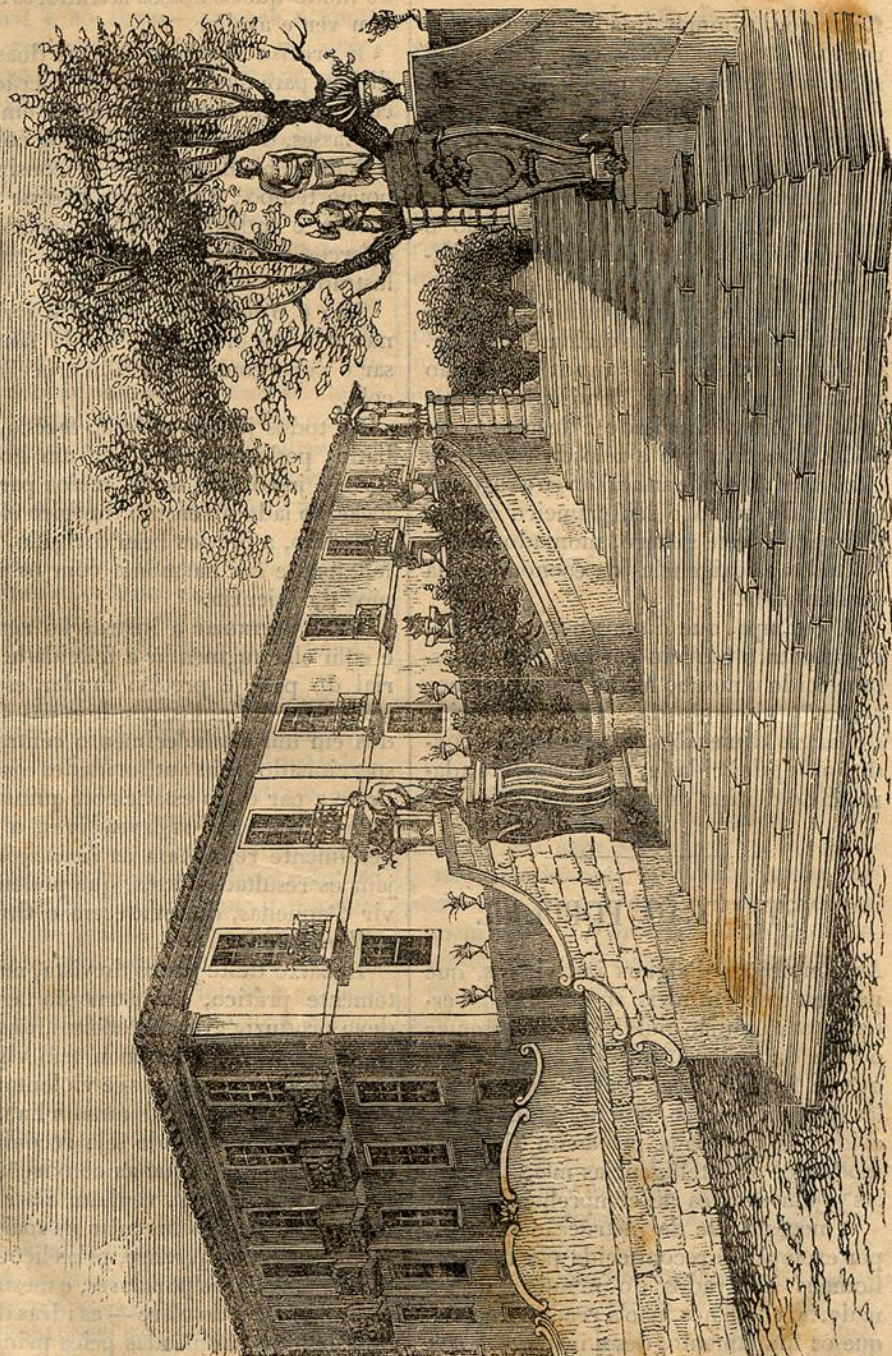




Asylo de Mendicidade, no Porto.

Asylo de Mendicidade, no Porto.

No meio da immoralidade, que vae corroendo e devorando as entranhas desta sociedade velha e corrupta, é consolador, é pathetico, é grande e bello ver que o desamparado, e o infeliz, e o ancião e o enfermo, ainda acham em nossa terra algum amparo, alguma protecção e algum arrimo. Apresentámos para exemplo o Hospital de S. José, o Asylo de Mendicidade, a Casa Pia, e muitos outros estabelecimentos de igual utilidade, quasi que só sustentados pela caridade pública. O Porto ainda ha dois annos (1846) não possuía um Asylo de Mendicidade, que todavia fôra authorisado e decretado em 1838. A actividade e zelo da *comissão municipal* daquelle anno, deveu a segunda capital do reino o seu primeiro estabelecimento deste genero, montado segundo todas as exigencias da economia e da humanidade.

A estampa, que damos neste número, representa o edificio em que se acha estabelecido o mesmo Asylo, e que pertence ao ex.^{mo} visconde de Veiros. É fábrica de largas dimensões, e pelo local e condição de salubridade, perfeitamente adaptada ao destino que se lhe deu.

INSTRUÇÃO POPULAR.

As convicções d'alguns individuos, que pensam e sabem mais, só podem converter-se em opinião pública, e representar o voto da maioria, quando as idéas, em que se fundam, e as vantagens, que dellas podem vir, se tem tornado claras, evidentes, palpaveis, por assim dizer, de modo que as intelligencias menos robustas sejam capazes de comprehendê-las.

A necessidade da instrucção agricola, por exemplo, é reconhecida por todos os homens illustrados do mundo; mas a maioria, entre nós, não a reconhece, porque os fundamentos dessa instrucção não se acham ao alcance de todos, e porque as vantagens, que ella produz, não teem

sido até agora demonstradas praticamente de modo que os nossos lavradores as possam ver e avaliar.

É preciso satisfazer a estas duas condições, para que a idéa da instrucção agricola se torne popular, e circule em todas as classes, de que a sociedade se compõe.

Não é resultado que se consiga em pouco tempo; e para que chegue a realisar-se é indispensavel o concurso dos esforços combinados de muita gente illustrada.

Não é o livro só — não é o jornal — não é o mestre — que ha de familiarisar o povo com a idéa d'instrucção agricola.

Só todos juntos poderão fazê-lo, auxiliados poderosamente por um governo forte e justo, que tenha meios para collocar, ao lado do ensino theorico elementarissimo, a prática bem dirigida, e perfeitamente em harmonia com os principios da sciencia.

Para derramar a instrucção agricola, e com ella augmentar a felicidade material do paiz, é preciso fundar escolas agricolas, dirigidas por homens formados em um estabelecimento central, inspecionado pelas authoridades *competentes*; e a par disso estabelecer quintas-modelos, para que os lavradores, a quem geralmente repugnam as *innovações*, vejam os resultados uteis, que podem provir d'aquellas, que merecem o titulo de *melhoramentos*.

Debaixo deste ponto de vista, eminentemente pratico, a instrucção agricola deve produzir grandes effeitos, destruindo idéas falsas, que ainda tem vigor, e que não podem separar-se violentamente dos espiritos em que dominam ha muito.

Para que a verdade seja reconhecida por todos — para que as convicções dos homens de sciencia venham a ser as da maioria, é preciso inocular na sociedade de hoje — pelos jornaes, pelas lições practicas, pelos livros populares, e mesmo pelas influencias do clero — as idéas de melhoramento, justificadas pelos principios da sciencia, e pela experiencia de muitos annos nos outros paizes.

Mas estas idéas não se popularisam, dando formas perfeitamente scientificas ao jornal e ao livro — porque a gente que lê, geralmente, quer achar no jornal e no livro uma instrucção facil e prompta. Não é possível vulgarisa-las, sem as ensinar primeiramente aos mestres, que tem de as ir disseminar pelos povos, diante dos quaes é preciso que os professores se apresentem perfeitamente certos do que ensinam, porque muitas vezes tem de ser chamados a resolver problemas, de cuja solução depende o seu credito e a sua influencia sobre esses povos, que hão de instruir. Se os que ensinam não estão completamente habilitados, o resultado de todos os institutos agricolas é a desconfiança dos agricultores, que só se atreverão a mudar de caminho, quando virem andar alguém pela nova estrada, sem difficuldade e sem hesitação.

Na agricultura e na industria, são tanto para temer os calculos imprudentes d'um saber superficial, como a teima acintosa e impertinente dos rotineiros e dos ignorantes.

Nas innovações o que ha mais a temer são os calculos de um saber superficial, de que resultam quasi sempre prejuizos para todos. Entregar os institutos agricolas, as escolas, as granjas-modelos aos homens inexperientes, que só conhecem a lavoura pelos livros, é arriscar o futuro da agricultura, é submittê-lo a eventualidades, que podem compromettê-lo inteiramente. Mas entregal-os aos homens puramente práticos, é deixar a agricultura estacionaria, e sancionar a rotina, de que só temos tirado abatimento e miséria.

Nestas circumstancias, o que a nosso ver se precisa, é escolher, d'entre os nossos agricultores, alguns mais habéis e estudiosos, ensinar-lhes os rudimentos das sciencias, que se ensinam nas escolas primarias lá por fóra, e manda-los estudar nas escolas agricolas estrangeiras, para os pôr depois á testa das nossas. Em quanto estes adquirem essa instrucção especial, deve tratar-se de espalhar pelo paiz a instrucção primaria, habili-

tando primeiramente os mestres com conhecimentos elementares das sciencias, na escola normal, que, de pouco serve, se não tem para isto alcance sufficiente.

Estas providencias estão ligadas com outras de que não podemos fallar aqui. Intendemos, porém, que o governo, para tomar medidas desta natureza, pôde aproveitar a *Liga Promotora*, ou constituir, para este effeito, uma associação mais restricta, dirigida pelos homens competentes.

Acabando este artigo folgámos muito de poder annunciar, que os lentes de botânica da Escola Polytechnica começaram a publicar uma *Guia para os Cultivadores*, que os honra muito, pela habilidade com que souberam tratar popularmente assumptos de tamanha importancia.

ROMANCE.

Criminosa ou Infeliz?

VI.

A TASCA DO TIO AMBROSIO.

Esta taberna, vulgo *tasca*, era das mais vastas e frequentadas de Lisboa, e demorava ahi para o *Chafariz de Dentro*; e não só celebrada no Bairro, senão em toda Lisboa; por isso tornára-se muito concorrida: e o ar risonho do tio Ambrosio, sempre a correr, ora a um lado, ora a outro, o atravessar e repassar continuo dos moços, boças gallegos, que alli exerciam as funções de ajudantes d'ordens, davam áquelle notavel *retiro de vinho e comer com azeite*, um certo caracter de actividade, que raro se encontra tão consideravel em casas do mesmo genero.

— Eh! tio Ambrosio, traga para aqui mais vinho! diziam d'uma mesa uns poucos de catraeiros.

— Tio Ambrosio, mais meia mão de vacca, acudiram outros lá d'um canto.

— Venha um garfo, tio Ambrosio, que a gente não ha de comer com a mão, tornavam outros.

— E pratos, aqui, eh! ouve, você — mil raios o partam! como ha de cá um homem comer, sem pratos, ha de fazer como os porcos? bradou um dos freguezes, muito zangado.

— A contas, a contas, mestre Ambrosio, diziam alguns, batendo, com quanta força tinham nos pratos e copos. Vamos, a contas, que nos queremos safar!

— Ah! vou, ah! vou, valha-me Santo Antonio, que não sei a quem hei de acudir primeiro, gritava o *taberneiro* esfaldado, e a suar como um touro.

— Aqui, aqui, diziam uns.

— A mão de vacca!

— O vinho!

— O garfo!

Diziam os outros.

Era uma *Babylonia*; ninguem se entendia; e o mesmo tio Ambrosio desconfiava que se enganára n'uma conta, e jurava desforrar-se nos outros, com quanto não soubesse de certo se o engano fôra a seu favor ou contra.

Ora será bom que digâmos aqui, quem era o sr. Ambrosio, digno representante da mui respeitavel classe dos *taberneiros* de Lisboa. Era um homem grande... a cabeça enorme, calva e avermelhada, com os olhos pardos, o nariz formidavel, e a bôcca disforme, estava como enterrada n'uma respeitavel cachaceira, verdadeiramente digna d'um frade bernardo; o corpo não se distinguia por circumstancia alguma notavel, a não ser pela barriga, largamente desenvolvida, e tão inclinada para baixo, que apenas se lhe viam as pernas extraordinariamente delgadas e tortas, e tão delgadas e tortas, que parecia incrivel como podiam aguentar aquella cabeça e aquella barriga; pois aguentavam, e mechia-se o tio Ambrosio, que não tinha inveja ao mais lepidio moço d'Alfama e arredores.

Principalmente a respeito de cabeça era mestre Ambrosio formidavel — era uma capacidade economica de respeito: ninguem tinha mais geito para illudir os freguezes, do que elle; e então em contas de sommar era fortissimo; nunca se enganava, salvo lá uma vez por outra;

mas sempre em seu favor; e quando isto acontecia, sabia arredondar as addições de maneira, que sempre lhe ficava certa a conta.

Já se vê, que lhe não faltavam ao bom do tio Ambrosio todas as qualidades que constituem um perfeito *taberneiro*. Diziam, todavia, alguns *linguareiros*, que elle era capa de ladrões, e que fazia negocio com elles e com todos; qual! o que é a maldade do mundo! É verdade que recolhia em casa embrulhinhos que, segundo era fama, pertenciam a freguezes seus de bem má nomeada; mas isto não podia ser por mal. Pelo menos a sr.^a D. Policia não se mettia com elle, antes respeitava muito aquella casa. O tio Ambrosio tambem emprestava dinheiro sôbre penhores de toda a especie, ao *innocente e modico* juro de 40 réis por cada cruzado novo, em cada mez; mas isto fazia-o elle por dó da muita desgraça que ha por essa cidade — que tinha um coração bem formado, o tio Ambrosio. E então era homem que não mortificava os seus devedores; pelo contrário, tratava-os perfeitamente a todos, e estava sempre prompto, apezar das muitas *percas* que havia tido, como elle dizia.

Por estes motivos a *tasca* do tio Ambrosio adquirira certa popularidade. E nesta boa terra, onde não ha nem verdadeiras caixas economicas, nem verdadeiros bancos de soccorro, aquelle estabelecimento de vinho e de cambio era um grande recurso, que arruinava quasi sempre quem se valia d'elle, mas que, em summa, sempre era um recurso extremo como outro qualquer.

Acabava o tio Ambrosio com aquelle inexoravel giz, que preparára a desgraça de tantos e tantas, de fazer a conta a um rancho, que se retirava. Ainda mal havia recebido o dinheiro, ouviu-se uma voz forte, acompanhada d'um rijo murro na mesa, bradar d'um lado.

— O tio Ambrosio, você acaba d'ahi ou não, com trezentos milhões de demonios.

— Ah! vou, ah! vou.

E com effeito dirigiu-se para a mesa

d'onde o chamavam, e perguntou, levantando um pouco o classico barrete, attenção que tinha com mui poucas pessoas:

— Que querem os meus freguezes?

— Comer e vinho!

— Carne ou peixe?

— Irra! você quer mangar comnosco, ou pensa que somos ahí alguns pelintras? traga comer, já disse, seja o que fôr, e vinho, e tudo depressa — que aqui ha pintos para gastar, disse um dos do grupo.

— *Andem* ser *vocemecês* servidos n'um pulo! respondeu tio Ambrosio muito satisfeito.

— Olhe não cáia das pernas abaixo, acudiu um rapazito vadio, assiduo frequentador daquella casa.

— Não tem dúvida, não tem dúvida, respondeu o taberneiro com um risinho forçado.

Dalli a pouco estavam os respeitaveis cidadãos recémchegados, servidos d'uma maneira, que poucas vezes tinham presenciado aquelles tectos afumados e aquellas paredes asquerosas: o tio Ambrosio até lhes trouxe uma toalha lavada.

Um *bravo* estrondoso acolheu a solidude do tio Ambrosio.

O *taberneiro* ficou tão penhorado da delicadeza dos seus novos freguezes, que tirou inteiramente o barrete, e começou ás cortezias, e a recuar, a recuar, até que tocando n'um banco, entropçou, e caíu estatelado no chão.

Então é que foi uma gargalhada geral em toda a taberna; por muito largo espaço não se lhe viam ao pobre do homem senão as pernas e a ampla barriga, que resistia valentemente a todos os esforços, que seu dono fazia por se levantar; a cada esforço redobravam as gargalhadas e os brados de feroz satisfação dos circumstantes.

E ouvia-se a voz abafada do taberneiro.

— Ah! ah! nunca me aconteceu isto assim; este maldito banco!... não ha ahí moços nesta casa, rapazes? vocês não ouvem? Oh! tiosinho, ajude-me com uma demão, tenha paciência.

A final, tendo dó do homem, um dos

espectadores ajudou-o, e elle conseguiu erguer-se; mas é preciso confessar, que o fez com todo o accio, e em quanto limpava a jaqueta de ganga azul, dizia em voz alta, affectando um ar muito risonho:

— Ora esta! ora esta! nunca me aconteceu similhante cousa! mas no fundo do coração jurava vingar-se daquellas gargalhadas dos seus freguezes, e juramento que mestre Ambrosio fazia, não o quebrava assim.

— *Andem* paga-las, ou eu não serei mais o tio Ambrosio.

Tornemos á mesa que elle servira ultimamente com tanta grandeza; eram tres os commensaes. Um era alto, olhos pretos de azeviche, barbas cerradas, dentes ralos e agudos como os de uma fera, peitos e hombros largos, braços e pernas musculosas, indicando robustez e força pouco vulgares. Este homem de tão má catadura chamava-se José, por alcunha o *Soldado*, porque n'outro tempo servira no exército; mas, por motivos que se não sabiam, deixára as fileiras; e o caso é que se não rosnava bem delle: dizia-se que era um façanhudo desertor; e o seu modo de vida não o abonava muito, não. Só por horas mortas é que apparecia, e sempre só, ou acompanhado de gente muito mal encarada. O outro era um homem pallido, baixo, e defecado pelas privações e pelo vicio: fôra um habil official de tecelão; mas uma vez travou-se de razões com o mestre, em casa de quem estava, e este despediu-o em consequencia d'isto, sem attender ás lagrimas e aos rogos de uma irmã que elle tinha, e a quem servia de unico amparo: o pobre rapaz era intelligente e probo — quiz estabelecer o seu thear, mas ninguem lhe prestava, a elle, pobre operario, cuja unica riqueza consistia no seu braço e na sua intelligencia, ainda os insignificantes meios que lhe eram necessarios para tal fim; depois limitou-se a procurar onde se acomodasse; não achou; os poucos vintens, que ajuntára foram-se gastando; os poucos trastes que tinha fá-os vendendo, até que tudo isto se acabou; e ficou a fome e a miseria, irremediavel consequencia

do desamparo a que se acham abandonadas as classes industriosas em toda a parte.

O desespero, por não poder remediar uma situação fatal que não creára, arrojava-o ao vício; é por isso que o vemos acompanhado do José Soldado, e do outro companheiro, patuscando e embriagando-se n'uma taberna d'Alfama.

O pobre operario estava na attitude de completa prostração de espirito e de corpo; olhava para todos indifferente, comia e bebia como por demais; e depois fitava os olhos no chão, e parecia scismar profundamente.

O terceiro individuo a que nos referimos, era um *catraeiro* muito conhecido em todo o bairro, por ser um dos *fadistas* mais temíveis e temidos; era sujeito que dava uma facada como quem bebe um copo de vinho; e por este motivo, e por outras circumstancias mais, já por várias vezes visitára o palacio do conde Andeiro: já se sabe saía sempre dalli peor do que entrára! O tio Ambrosio, porém, presava-o muito, e temia-o, e até se dizia, que elle era seu agente e socio.

— O Antonio, disse o Soldado para o tecelão, que diabo estás tu ahi a scismar, homem?

— Que hei de eu scismar! penso que tenho uma irmã em casa, que ainda hoje não comeu um bocadinho de pão sequer, e são já perto das *ave-marias*! não hei de estar triste!

— Deixa-te disso! ella que o arranje!

— Que! disse o Antonio, erguendo-se d'um pulo. Dizes isso á filha de meu pae? a minha irmã? — e os olhos fuzilavam-lhe; parecia outro, de transtornado e furioso.

— Está bom, está bom; isto não vae a matar; eu não t'o disse por te offender. Olha, ahi tens, e atirou com um cruzado novo para cima da mesa, ahi tens, que é para lhe levares pão.

O Antonio sentou-se, recaiu no seu estado de prostração indifferente, limpou com a manga da jaleca uma lagrima que lhe escapára a furto das palpebras, e disse:

— Obrigado, José, obrigado, eu t'o pagarei, quando pudér, se algum dia pudér — que isso é que não sei.

— Qual pagar, nem meio pagar, aqui não se falla nisso; eu cá sou teu amigo, e depois, quando um homem tem dinheiro o melhor que póde fazer é gasta-lo.

— Pois tens muito dinheiro agora? acudiram os dois; d'onde te veio a mina? não sabiamos que tinhas dessa fazenda?

— D'onde veio, respondeu o outro, nem eu mesmo sei: outro dia, estava eu á noite ahi encostado á muralha do terreiro, a gosar o luar, que estava bello, vejo chegar-se-me um vulto; affirmei-me, era homem grosso, e parecia ricasso, parecia: o caso é que, chegava-se a mim — e eu admiradissimo — e diz-me:

— Queres ganhar dinheiro?

— Se quero, meu patrão! respondi eu.

— És alfoito, e tens presença d'espirito para levar a cabo um negociosinho — bagatella! — que tenho entre mãos?

O senhor póde sabê-lo ahi em todo esse bairro?

— Bem! quinta-feira, é hoje, ao cerrar da noite, espera-me ao pé da *Ribeira Velha*, que eu por lá hei de apparecer, para combinarmos o negocio todo. Appareces sem falta?

— Sem falta, patrão; póde contar comigo.

— Então toma lá; e contou-me logo meia moeda em bellos cruzados novos — hein! que tal é a cousa: não val a pena?

— É célebre! disseram o Antonio e o *catraeiro*.

— Qual célebre! e que fôsse! o homem *avesa*, e eu hei de disfructa-lo, dê por onde der.

— E elle que viva! proseguiu o José Soldado.

— Viva! repetiram os outros.

— Agora, rapazes, são horas de me ir chegando. Mestre Ambrosio; eh, tio Ambrosio, contas, que me quero ir embora mais estes amigos.

E depois de pagar ao taberneiro, que lhe carregou em dôbro tudo, saíram. O José seguiu para o lado da *Ribeira Ve-*

lha, e o Antonio e o catraeiro tomaram por um dos estreitos bécos, que vem desembocar ao largo do Chafariz de Dentro.

(*Continúa.*)

POESIA.

Porque duvidas?

Escuta, minha Elvira, escuta um triste,
A quem persegue a sorte com rigor;
Tu só, querida, carinhosa podes
As mágoas consolar do trovador.

Quando junto de ti, te escuto as vozes,
E ancioso o casto seio vejo arfar,
Suave languidez quando diviso
No ainda cándido e furtivo olhar;

Quando um sorriso teu, sorriso d'anjo,
Nos labios de carmim vejo nascer,
E te dignas, donzella, um breve instante
Teus lindos olhos para mim volver...

Não o creias, embora! eu sinto n'alma
Um fogo animador calar, calar...
Nova e ineffável existencia dando-me,
Ah! que ninguém, ninguém pôde julgar!

E sentirás também, tu, oh donzella,
Efeitos deste amor, tão forte em mim?
Ou insensível tu serás que penses,
Que isto que digo não o sinto assim?...

Ah! não, não pôde ser; consulta o peito,
Consulta o coração, que te dirá,
Que estas palavras são d'amor sincero,
Cujá verdade um dia elle achará!

Porque duvidas, dize, Elvira minha?
Acaso provas mais queres d'amor?
Assaz meus olhos não t'o hão dito, ingrata?
Ah! que não amas, não, com este ardor!

Ai misero de mim, fugiu-me a esp'rança,
Não quer Elvira, a minha amada, ouvir-me:
Nos juramentos meus não cre a ingrata,
Procura-a, mas não faz senão fugir-me!

Mas se teu peito é terno, ouve meus rōgos;
É crime entre quem ama o duvidar:
Jura também, como eu te juro, Elvira,
Ante as aras d'amor eterno amar!

J. Osorio.

CONHECIMENTOS-UTEIS.

Iluminação por Gaz.

Um engenheiro francez, M. Lebon, foi o primeiro que apresentou a idéa de aproveitar, para a iluminação das cidades, o gaz que se obtem decom-

pondo o carvão de pedra, por meio do calor. Vinte annos depois, em 1805, M. Murdoch, na Inglaterra, aperfeiçoando o apparelho em que se desenvolvia o gaz, applicou este systema d'illuminação nas officinas de MM. Watt, Boulton e companhia, perto de Soho, e nas de MM. Philips e Lee de Manchester. O exemplo foi seguido por muitos outros fabricantes, e a luz do gaz começou, desde então, a substituir geralmente a luz do azeite na illuminação das ruas, das lojas, e das officinas, desapparecendo successivamente os obstaculos, que se levantam sempre, e em qualquer paiz, contra tudo o que é novo.

O gaz da illuminação, que, por ter sido adoptado primeiramente na Inglaterra, ficou com o nome de *gaz-light*, extrae-se de diversas substancias; mas prefere-se o que é extrahido do carvão de pedra, ou do azeite de peixe.

Em Lisboa, começou ha poucos dias a illuminação das ruas por meio de *gaz-light*, e cremos que, depois de ter visto o bello effeito dos bicos de gaz, ninguém lastima a luz baça dos velhos candieiros.

Agora, depois deste ensaio, já não é possível retroceder — a belleza da luz, e a sua intensidade tornaram-na popular — e qualquer que seja a sorte da companhia que fez este serviço ao paiz, quaesquer que sejam as disposições governamentais acerca deste objecto, temos fé em que ninguém se lembrará de tornar atraz, extinguindo as luzes de gaz, que hoje brilham nas ruas de Lisboa. Se ha ahí interesses, é preciso que emudeçam, que se curvem diante do maior de todos os interesses, o interesse público, que nunca deve sacrificar-se ao de alguns. Veremos como se decide a questão que ha hoje; como quer que seja, o que não pôde negar-se, e a companhia bem o sabe agora, é que o caminho mais curto nem sempre é o melhor. Abstrahindo do que pôde haver, neste negocio, pouco proprio para um jornal litterario e popular, não deixaremos a questão do gaz, concorreremos quanto podermos, para que o municipio não seja privado desta commodidade; e, quando estivermos para isso authorisados fallaremos também sobre duas questões importantes, que não tem tido publicidade — não sabemos porque. É a questão dos matadouros, e a do encanamento da agua para as casas, que ambas interessam, porque qualquer dellas influe na salubridade, e porque a última traz consigo uma economia consideravel, prejudicando contudo cinco mil estrangeiros que vivem de nos explorar.

Voltando ao gaz. Não estavam em Lisboa no dia em que se accendeu pela primeira vez; mas temos noticia do que se disse por ahí acerca da luz, e da sua origem. É um louvar a Deos. Até gente instruida — poetas e litteratos, destes que fazem espirito pelos botequins — deram nesta noite uma prova solemne da falta de cuidado que tem havido entre nós, de espalhar os principios mais elementares das sciencias naturaes. O gaz da illuminação obtem-se pela distillação do carvão de pedra; mas não se queima senão quando se achalivre de todas as substancias, que podem prejudicar a luz, ou influir na salubridade do ar.

A distillação faz-se dentro de vasos de ferro fundido, a que chamaremos *retortas* apezar de terem a figura de cylindros achatados, que é conveniente, porque assim se expõe á chamma uma superficie

grande, sem que seja muito expressa a camada do carvão de pedra contida nestas retortas.

As retortas seguem-se um aparelho de lavagem, em que mergulham independentes, os tubos que conduzem o gaz nellas desenvolvido pela acção do calor, o que tem grande vantagem, porque, se o trabalho da destillação cessa em qualquer dellas, as outras por isso não deixam de funcionar.

Segue-se a isto o condensador, em que o alcatrão, que resulta da decomposição do carvão de pedra, se resfria e condensa. Esta parte do aparelho é formada por um systema de tubos, dispostos horizontal e verticalmente, sobre os quaes de continuo se faz correr agua fria.

O depurador é a parte do aparelho em que o gaz-light se desembaraça dos gazes improprios para a illuminação, que o tem até alli acompanhado. O gaz mais prejudicial, que vem com elle misturado, é o sulfydrico, que toda a gente conhece, porque é o que se desenvolve nos ovos podres, nos logares immundos, nos charcos em que as materias organicas soffrem decomposição — é o gaz que, formando-se quando se misturam as aguas do mar com as aguas impuras da terra, torna insalubres muitas localidades, por ventura ferteis e facéis de melhorar. O depurador é formado por duas caixas, que se enchem de feno misturado com cal humedecida; o gaz, que pela posição em que se acham os tubos, tem de atravessar toda a camada, achando-se por este meio em contacto com uma superficie immensa de cal, sem soffrer pressão, que influa no trabalho das retortas — entra no depurador pela parte inferior, e sae por cima.

Do depurador segue-se o gazometro, grande campana, em que se accumula o gaz-light purificado.

Com o gazometro communicam os tubos, por onde o gaz se dirige ao logar em que deve ser consumido. E no fim dos tubos acham-se os bicos em que a combustão se verifica.

O gazometro, que ha em Lisboa, acha-se estabelecido á Boa-Vista, e os tubos subterraneos estendem-se já até ao Loreto.

Os bicos podem ser simples, dispostos de modo que a chamma se ache envolvida por uma só corrente d'ar, ou semelhante aos d'Argand, em que uma corrente d'ar passa pelo interior e outra por fóra da chamma, o que torna a combustão mais perfeita. Na illuminação das casas usa-se de chaminés, semelhantes ás dos nossos candieiros d'azeite, que economisam o gaz, e tornam a luz regular, porque regularisam as correntes d'ar.

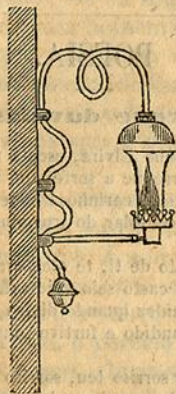
Na illuminação das ruas não se usa, porém, de chaminés, o que traria consigo um acrescimo de despesas, que a economia, que, por tal systema se pôde conseguir, de nenhum modo compensa.

A companhia com o fim de facilitar aos consumidores o uso do gaz, põe á venda bicos de illuminação de 3 dimensões, a saber:

Dimensões.	N.º de furos.	Preços por hora.
1. ^a	10	6 réis.
2. ^a	15	8 "
3. ^a	20	10 "
Bico de leque ou borboleta.....	15 "	

A luz d'azeite não pôde competir com a de gaz,

nem na intensidade, em que é muito inferior, nem no acção dosapparelhos de illuminação, nem no preço, como se vê por esta tabella. Por isso é de esperar que, dentro em pouco, as lojas sejam tambem illuminadas por gaz.



A nossa estampa representa um bico fumivoro, de que se usa nas casas, quando se quer evitar que o fumo ennegreça o tecto — na campanula superior condensam-se e resfriam-se os productos da combustão.

O residuo, que fica nas retortas, depois da destillação do carvão de pedra, é um corpo a que se chama = coke = que se applica, com muita vantagem, nos fornos em que se funde ferro. Sobre a produção deste corpo se funda uma parte consideravel dos interesses das companhias d'illuminación por gaz.

Charada.

Assim se faz ao mulato — 1

Divisa de uma nação — 2

Muita gente em sobre-mesa

Usa comer-me com pão.

Enigma.



EXPLICAÇÕES DO NUMERO ANTECEDENTE:

Problema — 72 moedas.

Charada — Almocreve.

Enigma — Quem dinheiro tiver fará o que quizer.